

Renascidos das trevas

Gazeta do Povo

Sexta-feira, 28 de novembro de 2003

<http://www.gazetadopovo.com.br>

Mesmo que os "new góticos" queiram tirar o foco da música e atrair a atenção para outras linguagens, é impossível não lembrar que as bandas do gênero sempre representaram sua vertente mais popular. E, queiram ou não, a situação permanece a mesma. Se, nos idos dos anos 80, nomes como Finis Africae e Arte no Escuro eram os preferidos entre os brasileiros, atualmente o foco está na produção de bandas independentes – entre as quais se destacam os grupos curitibanos Cores d Flores, Zigurate, Undeads, Mecanotremata e Gengivas Negras.

O paulista Sergio Eduardo Affinito, mais conhecido como Morpheus, é uma das figuras lendárias do circuito desde os anos 80. Hoje, com 29 anos, ele comenta que o desmonte oitentista se deu quando o meio musical se segmentou e cada grupo de afinidade seguiu seu caminho.

"A retomada pega o gancho do gothic metal, que não é muito a minha praia. A primeira leva gótica se centrava mais no punk, e acho que naquela época a gente era mais criativo. Agora parece que o pessoal apenas passou no shopping e comprou um sobretudo preto. Tudo é mastigado e tem gente que acha que as coisas começaram com os grupos de agora", pondera o editor do fanzine De Profundis e produtor das duas coletâneas homônimas lançadas pelo selo paulista Baratos Afins.

"As bandas antigas traziam referências do expressionismo, romantismo, simbolismo e do teatro da crueldade de Antonin Artaud, entre outras, para sua produção, muitas vezes flertando com a musicalidade medieval", explica Morpheus. A santíssima trindade do rock gótico se formou na melancolia do Joy Division, no terror do Bauhaus e no visual de Siouxiie and The Banshees. "E aí veio o Sister of Mercy, que uniu tudo isso e motivou um boom, com gótico para todo lado do mundo", resume.

A tribo urbana surgiu nos anos 80, mas o termo é muito mais antigo. "Vem do período histórico de domínio dos bárbaros e das tribos nórdicas. Mas os árabes também tiveram grande influência na arte gótica. Ou seja, isso tudo vem acompanhando a humanidade", explica Morpheus, que não se importa com o termo. "Incomoda mais a associação ao satanismo que algumas pessoas fazem. E o flerte do pessoal novo com o heavy metal também não tem absolutamente nada a ver", pondera.

Formada em Artes, Fabiana Almeida, 22, é freqüentadora do novo circuito gótico curitibano. Para ela, essa cultura é um estilo de vida que "se conecta com todos os tipos de artes que tratam de questões consideradas obscuras". "Em geral, os góticos são pessoas sozinhas e tímidas, que têm um olhar voltado para assuntos como depressão e morte", classifica.

Fabiana já não usa o visual gótico pesado no seu dia-a-dia, mas mesmo assim conhece bem o preconceito existente. "Na ruas, ninguém diz que sou pós-graduada, que estou montando uma empresa. Em geral, as pessoas não acham que quem usa meia rasgada no braço e roupa preta seja capaz de manter uma conversa legal e desenvolver essas atividades profissionais. As pessoas são preconceituosas e sentem receio por causa do nosso visual", diz.

Javier Farias é editor do fanzine Neofobia, criado para rebater alguns vícios arraigados à cultura obscura. Mesmo tendo sido indicado à reportagem por uma gótica assumida, ele não se considera ligado a nenhuma tribo urbana. "Criei o zine pra contradizer o gótico, porque em torno dele se criou um estereótipo com bases no ultra-romantismo, cujos representantes viraram ícones, mas hoje estão ultrapassados", provoca, citando os escritores Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe e justificando a exclusão da música de sua lista de interesses – "porque praticamente não é mais arte, só entretenimento".

Para Javier, o problema está nas amarras ao passado, que impede o reconhecimento de artistas e propostas atuais. "A fobia pelo novo é algo que acontece muito no circuito gótico e em outras tribos. O zine nasceu para divulgar nomes do presente que nadem contra essa maré", diz, chamando a atenção para nomes como Nick Silver (dramaturgia), Stelarc (happenings), Jean Rustin (pintura) e David Cronenberg (cinema).

Adriane Perin